

ARTES PLÁSTICAS

'Panorama' apresenta a crise da pintura

A exposição do MAM indica que ela sofre de depressão nos anos 90, após ser revitalizada nos 80

ANTONIO GONÇALVES FILHO
Da Reportagem Local
Viado - Filho da Rota

PANORAMA DE ARTE ATUAL BRASILEIRA 93 - PINTURA - Exposição coletiva com 40 pintores convidados. Abertura hoje, às 19h, no Museu de Arte Moderna (marquês do parque do Ibirapuera, tel. 011/549-9688 e 549-9784, Ibirapuera, zona sul de São Paulo). De terça a sexta-feira, das 13h às 19h.

O Panorama de Arte Atual Brasileira (Pintura) do Museu de Arte Moderna de São Paulo não é tão abrangente que permita uma visão ampla do que está sendo produzido nos ateliês brasileiros e nem tão restritivo que deixe de mostrar o que veteranos como Abraham Palatnik, Aluísio Carvão e Fiamminghi pensam da pintura nos anos 90. Ou seja, é um panorama pela metade, mas, de certo modo, revelador de uma crise.

Para citar apenas dois nomes — um veterano e um jovem pintor —, é difícil conceber um "Panorama da Pintura" sem a presença de Iberê Camargo ou Paulo Pasta. Ambos representam, por vias diversas, possibilidades de uma pintura que afirma a modernidade sem ser positivista, propondo uma reflexão sobre o confinamento do imaginário brasileiro no universo barroco. A pintura de Camargo e Pasta é a antítese desse barroquismo. O céu não será reproduzido aqui graças ao excesso barroco, mas sim ao triunfo de uma poética que não nega a lógica.

Existente uma crise não só no país como nos ateliês, porque os artistas — compreensivelmente — não querem se submeter a esquemas de ordenação e, ao mesmo tempo,

sabem que uma ordem formal mondrianesca, rigorosa e estrutural, pode significar uma das possíveis alternativas para a representação teatral barroca. Existe uma crise porque essa vocação barroca é a antítese do modernismo. Existe uma crise porque a paixão pelo descartável, pela imagem consumível, que impressiona, é mais forte do que pela pintura.

Você entra no "Panorama" e topa com uma tela de John Nicholson, que bem poderia ter sido pintada nos anos 60, um "revival" nostálgico da arte pop americana, particularmente de Rauschenberg. Ao descer para o limbo dos figurativos, onde funcionava a reserva técnica do museu, o simulacro é ainda mais paródico, indo de Botero à "bad painting" de Guston, Sandro Chia e Paschke.

Já no salão principal impera a ordem abstrata. Hermelindo Fiamminghi mostra que a carta enviada a seu professor Waldemar da Costa em 1959, criticando o dogmatismo dos concretos, indicou novos rumos para sua pintura, mas encontrou uma pedra em seu caminho. Premiado no "Panorama" ao lado do excelente cenógrafo Fernando Velloso (do balé "Nazareth"), Fiamminghi amarga o impasse de sua pesquisa — iniciada na época da carta — sobre a difusão da cor pela incidência de luz.

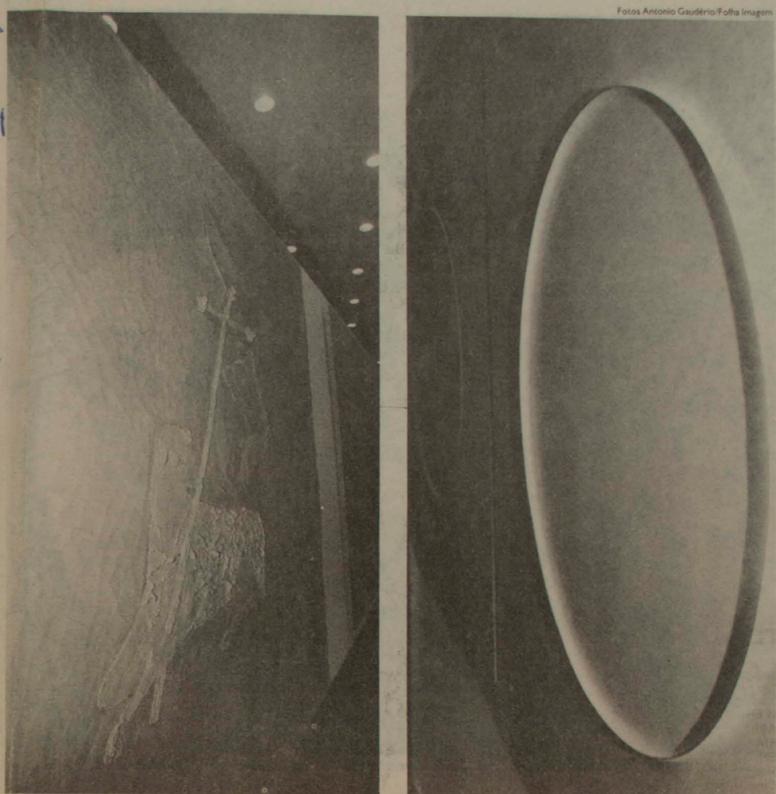
Abolindo o racionalismo, Fiamminghi enfrentou o mundo da retícula e da cor só com pincel e tinta. Para o introdutor do off-set na arte brasileira, essa decisão revela incompreensíveis traços anacrônicos. Da mesma forma, o

trabalho do mestre neoconcreto Aluísio Carvão retoma questões da mesma época (final dos anos 50) sobre a cor física, penetrável, além da espiral quadrada capaz de transformar paisagens graças à fragmentação geométrica. Vê-se sua "Composição" feita há três anos e não se vê evolução.

Para falar de um último mestre, Abraham Palatnik, que integrou com Ivan Serpa e Almir Mavignier o primeiro núcleo abstrato carioca, também não se vê em suas telas do "Panorama" a chama de quem inventou coisas malucas como a máquina de abrir coco de babaçu. São trabalhos rigorosos, mas que assumem integralmente o ilusionismo "optical".

É sintomático que exista na seleção a crítica desse esgotamento. Os relevos de Lizárraga são termômetros em que inexistiu uma tentativa de representação do espaço. Ele deixa de ser uma entidade abstrata e passa a ser objeto de uma especulação sobre a possibilidade de medida. Não há diferença alguma entre espaço interior e exterior. A unidade de medida é rigorosamente a mesma. Há uma concepção espacial nesses relevos que vai além, que não admite o limite, ao contrário do que se vê no "Panorama".

De qualquer forma, a consciência do espaço pode existir sem projeto prévio. Curiosamente, nesse caso, essa construção espacial passa pelo uso de signos religiosos, nas telas de Karin Lambrecht, Adriana Varejão, Dudi Maia Rosa e Sergio Fingermann (menção honrosa ao lado de Emmanuel Nassar e Maria Lídia Magliani).



Telas de Adriana Varejão e Antonio Lizárraga no "Panorama da Arte Brasileira" do MAM

SHOW

Pato Banton mostra seu reggae hoje no Palace



O cantor inglês Pato Banton faz show único hoje no Palace

SERGIO MARTINS
Do Notícias Populares

PATO BANTON - Show único do "reggaeman" inglês e sua banda Reggae Revolution, hoje, às 21h30, no Palace, rev. dos Jemarys, 213, tel. 011/531-4900, Moema. Ingressos a Cr\$ 250 mil (pista) e Cr\$ 450 mil (platô).

LIVE AND KICKIN ALL OVER AMERICA - Penúltimo disco do cantor Pato Banton, que a EMI está importando em virtude de sua turnê pelo Brasil. Preço médio do CD: Cr\$ 460 mil.

Você tem apenas um dia para conferir de perto uma das maiores atrações do reggae atual: o cantor inglês Pato Banton e sua banda Reggae Revolution, que se apresentam hoje no Palace.

pelo rapper Ranking Roger, participou em discos do Beat, UB40, até assinar com a gravadora IRS. Seu primeiro lançamento foi "Never Give In", de 87. Depois vieram "Visions of the World" (89), "Wize Up" (90) "Live and Kickin All Over America" (91) e "Universal Love" (92).

Pato faz o que se chama de "positive reggae", onde o lema é "vamos unir todas as raças e salvar o mundo da destruição". Faz uso de um bom naipe de metais e os instrumentos eletrônicos não têm vez com ele.

Suas canções "Never Give In" e "Don't Sniff Coke" são hinos entre os surtistas. "Meu Deus, isto é fantástico", disse Banton, de Miami, em entrevista à Folha. "Estas músicas significam muito para mim. Principalmente 'Never Give In', onde falo para as pes-

soas não desistirem de lutar pelas coisas nas quais acreditam".

Como bom "rootsman" que se preze, Pato não vê com bons olhos a situação do reggae atual, principalmente rappers como Shabba Ranks e Mad Cobra. "Shabba é um cara legal, mas não gosto dessa promoção do sexo que ele faz", disse. "Mas existem bons artistas de reggae, como Cocoa Tea e Tony Rebel".

O "reggaeman" aproveitou para disparar broncas contra sua gravadora, a IRS. "Eles não ligam para minha mensagem, só querem saber de vender discos. Em 'Wize Up' tive de gravar uma versão de 'Spirits in the Material World', do Police, porque eles me pediam para cantar 'coisas diferentes'".

A duração do show, segundo o

inglês, vai durar de uma a três horas, "dependendo da empolgação do público". Nem o fato de não ter nada lançado por aqui assusta Pato. "Como sou melhor ao vivo, vou conquistá-los com a minha música. E, no futuro, todos estarão comprando meus discos".

E você pode acreditar quando Pato Banton diz ser melhor ao vivo. "Live and Kickin All Over America", o disco que a EMI está importando em virtude da turnê do cantor pelo Brasil, é um dos melhores shows de reggae já gravados.

O disco foi gravado em São Francisco (EUA), em 91. Acompanhado por uma banda afiada — a Reggae Revolution — e uma platéia fiel, daquelas que traz as letras das músicas na ponta da língua, Pato canta músicas de seus quatro LPs e uma inédita — "Too Many Homeless".

CALLIGARIS

'Não há diferença entre viciado e consumidor'

Continuação da pág. 4-1
Da Reportagem Local

Folha - O sr. poderia desenvolver a sua idéia de que "o futuro da humanidade é necessariamente toxicômano"?

Calligaris - A toxicomania é uma situação na qual o sujeito encontra um objeto claramente definido, uma droga, ao alcance de sua mão. Também se sofre com a falta desse objeto. É um tipo de relação homóloga à relação com os objetos na nossa cultura. Não vejo uma diferença fundamental, psiquicamente, entre a posição de um toxicômano e a de um consumidor, sábado, numa liquidação de shopping.

Folha - Pelo grau de dependência com os objetos?

Calligaris - Evidente que não se trata de uma dependência química. Tampouco acredito numa dependência psíquica. É o fato de que o sujeito da cultura ocidental tem cada dia menos elementos para se definir. Tanto que estamos chegando quase a acabar, mas porque não vejo bem para onde poderia ir. A nossa definição do que é humano — ou seja, do que pertenceria à nossa cultura — é cada dia mais abstrata.

Folha - Seria a perspectiva que "os objetos nos constituam como sujeitos"?

Calligaris - Exato. Nessa situação, onde a definição do humano

é cada vez mais abstrata, se produz uma espécie de inversão do ser ao ter. Não sabendo de jeito nenhum o que poderíamos ser — porque o que somos é muito abstrato —, nós delegamos a função de dizer quem somos ao que temos. Desse ponto de vista, vamos produzir e produzimos uma sociedade toxicômana.

Folha - Nesse quadro, o que seria a "orgia soft", que o sr. cita como exemplo de "um mundo dominado por um ideal imaginário de gozo"?

Calligaris - Quando falo em "orgia soft" estou falando em algumas modalidades contemporâneas da sexualidade (a massagem, por exemplo) que passam apenas pelo toque, por uma carícia generalizada do corpo do outro. É a idéia de uma sexualidade que não seria mais invasiva do corpo do outro.

Folha - É possível estabelecer uma relação entre a "orgia soft" e a obsessão consumista?

Calligaris - A "orgia soft" é uma sexualidade que preservaria o corpo. Para o leigo talvez pareça uma comparação ousada, mas essa é uma sexualidade que faria do corpo de todos os homens e mulheres uma série de pênis completos, onde a sexualidade consistiria numa masturbação do corpo inteiro como se fosse um órgão fático. Cada um se constituiria inteiramente como uma espécie de fetiche. Os objetos, na medida em que os pensamos no mesmo ângulo que as drogas, também são fetiche.

Folha - Como assim?

Calligaris - Um exemplo: fui passar um fim-de-semana na praia de Torres, no Rio Grande do Sul. As pessoas plantavam os seus carros diretamente na areia, a poucos metros do mar, para ouvir o rádio, e colocavam as suas cadeiras de frente para a porta do carro, que os refletia. Dezenas de pessoas passaram a tarde na beira do mar, se espelhando na porta do carro. O fetiche do objeto e o do sujeito se completam bem.

Folha - O sr. diz que o Brasil, por razões arcaicas, já chegou na pós-modernidade, sem passar pelas vantagens da modernidade. É um país do futuro, nesse sentido. Assim, não há perspectivas de se superar o atraso, o caos, a miséria?

Calligaris - Por benefícios da modernidade, falo de algo política e economicamente bem preciso: a idéia de que o capitalismo implica uma distribuição de renda e a extensão do status de consumidor a toda a população. As elites brasileiras são impermeáveis a essa idéia. Por outro lado, as classes médias e dirigentes deste país abraçaram os ideais do Primeiro Mundo. Essa conjuntura curiosa, de um arcaísmo e de uma adesão maciça aos ideais do capitalismo mais tardio, de ponta, resulta numa conjuntura que poderia vir a ser o futuro do mundo inteiro. Se o futuro da cultura ocidental fosse do lado que estamos ameaçadamente entrevedendo, ou seja, de uma verdadeira primazia do objeto, é certo que o Primeiro Mundo se transformaria numa espécie de vasto Brasil.

Psicanalista destronou definição preconceituosa de "perversão"

Calligaris faz teoria com abertura de 180 graus

JURANDIR FREIRE COSTA
Especial para a Folha

Contardo Calligaris é um dos mais criativos psicanalistas em exercício no Brasil. Cosmopolita no estilo de viver e pensar, produz psicanálise com abertura de 180 graus, sem gosto algum de clube de esquina. Seu modelo intelectual é a ousadia de Freud e Lacan, presente, entre outros exemplos, nos estudos sobre perversão.

Desde "Hipótese sobre o Fantasma", primeiro livro traduzido no Brasil, ele insiste em dar relevo à idéia de "montagem" — não existe tal coisa como "um sujeito perverso", e sim sujeitos presos ao modo de gozar da perversão. E na relação performativa com o Outro, imaginariamente apresentado como realidade social ou individual, que se esgota descritiva e valorativamente a definição da perversão.

A chamada perversão nada mais é do que a montagem em que os sujeitos, alternadamente, podem ocupar a posição de objeto ou instrumento do gozo do Outro, ou de detentor imaginário do saber que faz o outro gozar. Este saber onipotente está no núcleo da paixão instrumental, conceito que, em sua teoria, vem destronar a caduca e preconceituosa "perversão" oitocentista.

Não se trata mais, portanto, de catalogar grotescamente "tipos perversos", para, em seguida, classificá-los como desvios ou disfunções da norma moral fabricada por médicos, psiquiatras, higienistas e sexólogos do século 19. Perversa é toda montagem ou toda prática linguística em que os sujeitos apropriam-se imaginariamente de um saber que reduz o outro a instrumento de gozo da própria montagem. Assim como no vínculo do burocrata nazista com sua vítima; do racista com o discriminado; do violentador com o violentado; do sádico com o masoquista ou, por fim, das almas bem pensantes com os excluídos da "polis" moral burguesa.

De um só golpe, Contardo desmonta o motado momento moralista das perversões e restaura a ética da psicanálise. Ética da paixão amorosa, do Eros civilizatório de Freud, que opõe-se à pulsão de morte e seus derivados. Como no cinema de Neil Jordan, ele desfaz e refaz os limites das sexualidades ocidentais, congelados no moralismo do século passado, afirmando, ao mesmo tempo, o melhor de nossa tradição ética, contra a instrumentalização abusiva dos corpos e sexos na moralidade contemporânea.

Isto não é pouco. Isto é caminhar no fio do desejo, sem rede de segurança. Contardo aceitou o desafio. Veio a público dizer que somos todos candidatos à sedução da paixão instrumental e que onde há discurso amoroso simplesmente não pode haver perversão.

JURANDIR FREIRE COSTA é psicanalista e professor do Instituto de Medicina Social da UERJ (Universidade Estadual do Rio de Janeiro).